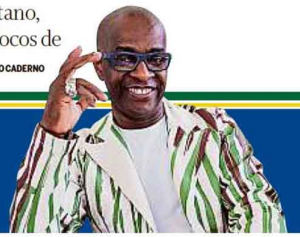
Título: Escalada de preços
Dados: 09/04/2022 **Veículo:** O Globo **Página:** Capa, 15 e 16
Canal: Notícias Gerais

Will Smith: Após tapa, ator é suspenso por dez anos do Oscar SEGUNDO CADERNO

Alberto Pitta: Com fãs como Caetano, artista celebrado por estampas de blocos de Salvador abre exposição em SP SEGUNDO CADERNO



O GLOBO

ISSN 2178-5139

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) *Roberto Marinho*

RIO DE JANEIRO, **SÁBADO, 9 DE ABRIL DE 2022** ANO XCVII - Nº 32.387 • PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ • **R$ 5,00**

ESCALADA

Inflação tem a maior alta no mês de março desde 1994

Consumidores procuram ofertas e estocam mercadorias

Passados 28 anos do Plano Real, a inflação acelerou e atingiu 1,62% em março, seu maior índice para esse mês desde 1994. Puxado pela alta de preços de combustíveis e do gás de cozinha, entre outros, o IPCA, índice oficial de inflação, superou as projeções de especialistas. A inflação acumulada em 12 meses chegou a 11,3%. Transportes e alimentos responderam por 72% da variação de preços. Entre os consumidores, comportamentos como a busca de descontos e a estocagem de mercadorias ganham espaço. PÁGINAS 15 e 16

NOVA TABELA

Correção no IR viria por meio de MP PÁGINA 17

SAQUE DO FGTS

Instabilidade no primeiro dia de consulta PÁGINA 19

ALEXANDRE CASSIANO

A MPB veste o fardão

Ao tomar posse na ABL, Gilberto Gil leu poema que fez para a cerimônia e se orgulhou de ser o primeiro representante da MPB na instituição. PÁGINA 11

Governo monta força-tarefa para barrar CPI do MEC

Para impedir a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito que investigue suspeitas de corrupção no Ministério da Educação, o governo tenta convencer senadores a retirar apoio ao requerimento. O senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), autor do pedido da CPI, disse ter reunido as 27 assinaturas necessárias. PÁGINA 4

PSB formaliza 'companheiro' Alckmin a vice

Em carta dirigida ao ex-presidente Lula, o partido socialista oficializou a indicação do ex-governador Geraldo Alckmin a vice na chapa que concorrerá à Presidência. Em evento que reuniu os dois, Lula afirmou que agora ele e seu ex-adversário devem se tratar por "companheiro". PÁGINA 8

Polícia Federal acusa Ciro Nogueira de corrupção

Relatório enviado ao STF concluiu que o ministro da Casa Civil recebeu propina do grupo J&F. A defesa de Nogueira nega. PÁGINA 8

PABLO ORTELLADO

Jogo sujo contra movimento dos entregadores

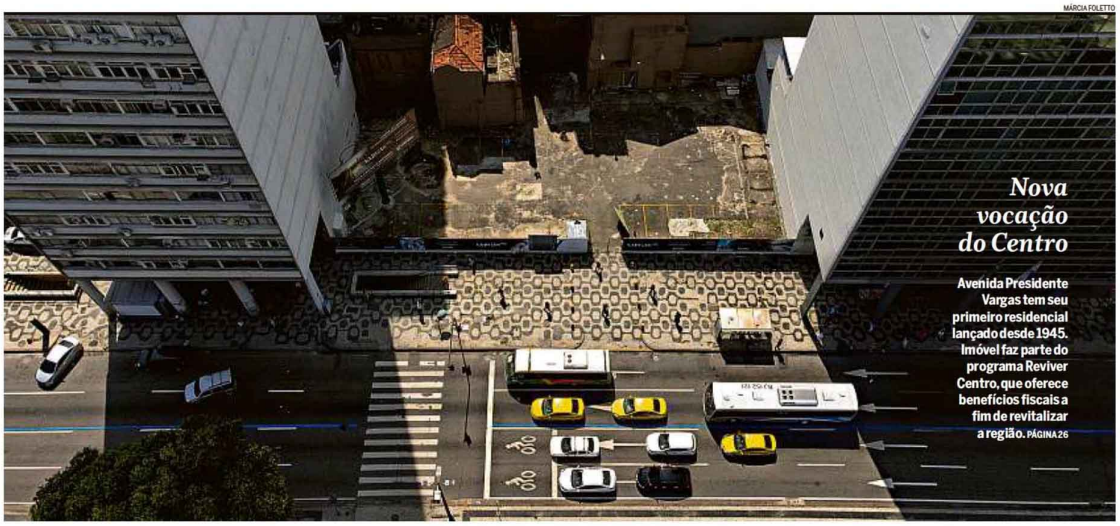
PÁGINA 3

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

A lucidez do riso e do sexo

SEGUNDO CADERNO

MÁRCIA FOLETTO



Nova vocação do Centro

Avenida Presidente Vargas tem seu primeiro residencial lançado desde 1945. Imóvel faz parte do programa Reviver Centro, que oferece benefícios fiscais a fim de revitalizar a região. PÁGINA 26

Ataque mata dezenas em estação de trem ucraniana

ANATOLII STEPANOV/AFP

Destruição. Segundo testemunhas, as vítimas apresentavam ferimentos semelhantes aos produzidos por uma bomba de fragmentação, que, ao ser detonada, espalha explosivos menores

Pelo menos 50 pessoas morreram e quase cem ficaram feridas em um ataque a uma estação de trem em Kramatorsk, ponto de fuga de milhares de ucranianos do Leste do país. A Ucrânia acusa a Rússia pelo ataque deliberado a civis, negado por Moscou. PÁGINA 20

Transporte escolar público é entrave para alunos de volta às aulas

Com 8,3 milhões de estudantes da rede pública dependentes do transporte gratuito, má conservação ou déficit de veículos dificultam retomada presencial. PÁGINA 12

'Terceira onda' da Covid está em fase de extinção, diz Fiocruz

Boletim da instituição mostrou que, pela primeira vez, desde maio de 2020, nenhum estado superou 0,3 óbito por cem mil habitantes, sinalizando enfraquecimento da Ômicron. PÁGINA 24

OBITUÁRIO/DALMO DALLARI

Jurista guardião da democracia e dos direitos humanos PÁGINA 10

PRAZER DE ALTO RISCO

Uso regular de remédios para disfunção erétil pode levar à cegueira PÁGINA 24

BRASILEIRÃO

A vez dos emergentes

Competição começa hoje com a expectativa de bom desempenho de times considerados médios. PÁGINA 32

SÉRIE B

Vasco decepciona

Apesar da torcida que encheu São Januário na estreia no torneio, Vasco ficou só no 1 a 1 com o Vila Nova. PÁGINA 32

NA WEB

NA BOMBA
Diesel sobe pela segunda semana seguida
Segundo a ANP, valor médio do litro passou de R$ 6,593 para R$ 6,600, alta de 0,1%

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

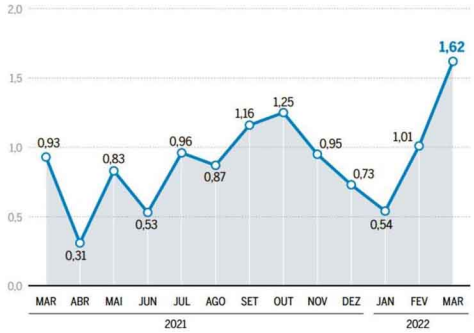
INFLAÇÃO SURREAL

ESCALADA DE PREÇOS

IPCA tem maior alta para março desde 1994, antes do Plano Real

O COMPORTAMENTO DO ÍNDICE

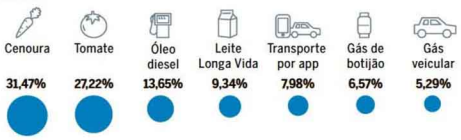
IPCA - Variação mensal, em %



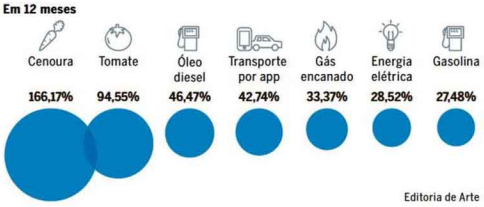
IPCA - Inflação acumulada em 12 meses, em %

MAIORES ALTAS

No mês



Em 12 meses



Fonte: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), IBGE

Editoria de Arte

CAROLINA NALIN
carolina.nalin@infoglobo.com.br

A inflação acelerou em março e chegou a 1,62%. Trata-se da maior taxa para o mês desde 1994, quando atingiu 42,75%, antes da implementação do Plano Real, que entrou em vigor em julho daquele ano. É também a maior taxa mensal registrada no país desde janeiro de 2003 (2,25%).

O resultado do IPCA, índice oficial de inflação, superou as projeções de analistas, que previam alta de 1,28%. A escalada dos preços no mês passado foi puxada por itens como gasolina, diesel e gás de cozinha, afetados pelo reajuste anunciado pela Petrobras em 11 de março. Com a pressão nos itens que compõem o orçamento do brasileiro, a inflação acumulada em 12 meses chegou a 11,3%, consolidando um período de sete meses seguidos com taxa em um ano nos dois dígitos.

— Foi uma alta disseminada nos preços. Vários alimentos sofreram uma pressão inflacionária. Isso aconteceu por questões específicas de cada alimento, principalmente fatores climáticos, mas também está relacionado ao custo do frete. O aumento nos preços dos combustíveis acaba refletindo em outros produtos da economia, entre eles, os alimentos — analisa Pedro Kislanov, gerente do IPCA.

PRESSÃO DE COMBUSTÍVEIS

Oito dos nove grupos pesquisados pelo IBGE tiveram alta de preço. Transportes e alimentos responderam por 72% da variação da inflação.

Bolsa cai, e dólar fecha a R$ 4,70

> Com a alta do IPCA, a Bolsa fechou em baixa de 0,45%, aos 118.322 pontos. Na semana, o Ibovespa caiu 2,67%.

> O dólar operou em alta na primeira parte do pregão, chegando a atingir R$ 4,79, mas perdeu fôlego ao longo do dia e encerrou os negócios a R$ 4,70, com baixa de 0,66%, com a percepção de que o Banco Central terá de manter o ciclo de alta de juros por mais tempo.

— A inflação afeta a economia real e os mercados. Pode ser que haja uma surpresa sobre o patamar precificado para o fim do ciclo de alta de juros, com a finalização em patamar mais alto — diz o sócio da H3 Invest, Samuel Cunha. *(Vitor da Costa)*

Em Transportes, a alta foi puxada, principalmente, pelo aumento nos preços dos combustíveis, com destaque para a gasolina, que subiu 6,95%.

— Houve altas nos preços do gás veicular (5,29%), do etanol (3,02%) e do óleo diesel (13,65%). Além dos combustíveis, outros componentes ajudam a explicar a alta nesse grupo, como o transporte por aplicativo (7,98%) e o conserto de automóvel (1,47%). Nos transportes públicos, tivemos reajustes nas passagens dos ônibus urbanos em Curitiba, São Luís, Recife e Belém — detalha Kislanov.

O grupo Habitação avançou 1,15% em razão do aumento de 6,57% do gás de botijão. A alta de 1,08% da energia elétrica também contribuiu para o resultado do grupo. No mês passado, os clientes residenciais da Light, no Rio, tiveram aumento de 15,53% na tarifa, enquanto os da Enel, que atende Niterói, Região dos Lagos e Norte Fluminense, tiveram reajuste de 17,39%.

SELIC E IPCA MAIORES

Diante desse quadro, economistas já revisam suas projeções para o IPCA de 2022 para um patamar mais próximo de 8% do que de 7%, ainda mais distante do centro da meta de inflação para este ano, de 3,5%. Além disso, esperam que o Banco Central seja obrigado a aplicar uma dose maior de aumento dos juros para corrigir as expectativas em relação ao comportamento dos preços no próximo ano.

Fábio Romão, economista da LCA Consultores, afirma que sua projeção de inflação foi revista de 7,5% para 8% após o IPCA de março.

— Considero taxas mais altas de combustíveis e a alimentação mais pressionada. Temos perspectiva de nova alta importante para bens industriais no IPCA. Mesmo com esse alívio do [corte no] IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), isso não chegou ao consumidor. As pressões estão espraiadas — diz Romão, que prevê a inflação dos alimentos batendo dois dígitos este ano.

O banco JPMorgan vê a inflação encerrando o ano em 7,6%, ante estimativa anterior de 7,1%. Já a projeção para o IPCA em 2023 passou de 4% para 4,2%, em razão da inércia inflacionária.

Em relatório, Cassiana Fernandez e Vinicius Moreira disseram que o resultado de ontem indica "que o Banco Central continuará o ciclo de aperto além de maio, apesar da mensagem do Comitê de Política Monetária (Copom) de que a última alta aconteça na próxima reunião."

Para os economistas, a aceleração da inflação é fator de preocupação, pois contamina as expectativas para 2023, o que faz com que o que se imaginava ser um aumento transitório se torne algo mais duradouro, em razão dos mecanismos de indexação da economia.

"Há um risco crescente de que os mecanismos de fixação de preços e salários ampliem a inércia inflacionária", sinalizou Alberto Ramos, diretor de Macroeconomia do Goldman Sachs para a América Latina, que defende que o cenário requer uma calibragem conservadora da política monetária.

Com estimativa de que o ciclo de alta na Selic se encerre com taxa de 14% ao ano, os economistas Solange Srour, Lucas Vilela e Rafael Castilho, do Credit Suisse, afirmam que só não revisaram a previsão do IPCA de 7,8% para 2022 porque a surpresa com a inflação de março deverá ser compensada pela recente queda nos preços do petróleo. "A inércia no Brasil aumenta com o aumento da inflação atual", disseram, em relatório.

Sérgio Vale, economista da MB Associados, vê mais chance de o BC elevar a Selic para 13,5% ao ano, ante estimativa anterior de 13%:

— Essa inflação está muito preocupante e deve chegar a 12% no acumulado em 12 meses até abril. Para chegar ao fim do ano com inflação de 7,8%, como projetamos, é preciso ter uma média extramente baixa de maio até o fim do ano.

Cenoura e tomate têm salto de 100% ao longo de um ano

Em abril, IPCA terá alívio temporário com fim da bandeira de Escassez Hídrica

Em março, a escalada de preços foi influenciada pelo aumento dos combustíveis. Mas outros produtos também passaram a pesar mais no orçamento do brasileiro, como os alimentos. Cenoura e tomate dobraram de preço em um ano. O primeiro acumulou alta de 166% em 12 meses, e o segundo, de 95%. O café acumula alta de 65%, e o açúcar, de 40%. Somente em março, a cenoura ficou 31,47% mais cara. O tomate subiu 27,22%.

Mês passado, tiveram aumento os preços do leite longa vida (9,34%), do óleo de soja (8,99%), das frutas (6,39%) e do pão francês (2,97%).

Economistas esperam que a inflação acumulada em 12 meses atinja um pico no mês de abril e depois comece a arrefecer. No mês que vem, haverá alívio no índice com a decisão do governo de acabar com a bandeira de Escassez Hídrica nas contas de luz a partir do dia 16.

Ainda assim, analistas afirmam que o efeito é temporário e não afeta a trajetória para o IPCA no ano. Caso o desempenho siga como previsto, será o segundo ano seguido que o Banco Central não conseguirá cumprir a meta de inflação, de 3,5% ao ano, com margem de 1,5 ponto percentual.

RECORDE GLOBAL

O aumento de preços de alimentos não ocorre apenas no Brasil. De acordo com o índice das Nações Unidas que acompanha os custos no mundo, os produtos tiveram disparada de preços de 13% em março e alcançaram patamar recorde.

Desde meados de 2020, a alta já chega a 75%, superando os níveis recordes alcançados em 2008 e 2011, quando o mundo sofreu uma crise alimentar, segundo a FAO, agência da ONU para a Alimentação e Agricultura. Já são sete trimestres seguidos de alta de preços de alimentos.

A guerra na Ucrânia complicou um cenário que já era ruim para os preços de alimentos. Portos no Mar Negro estão fechados, a produção de grãos da Ucrânia — um dos grandes exportadores mundiais de trigo e de óleo de girassol — deve ser drasticamente reduzida, e a disparada nos preços de combustíveis e fertilizantes, devido às sanções aplicadas à Rússia, pressiona os custos alimentares.

Os custos crescentes estão estimulando alguns países a adiarem importações, buscar novos fornecedores ou reduzir os estoques locais, embora isso não seja uma solução a longo prazo, disse Erin Collier, economista da FAO.

CARLOS GÓES

oglobo.com.br/economia
economia@oglobo.com.br

Petrobras: passado, presente e futuro

A Petrobras está, de novo, no meio de um turbilhão. O governo federal, controlador da empresa, teve muita dificuldade para indicar seu terceiro presidente desde o começo do mandato do presidente Bolsonaro. Dado o contexto problemático, este é um momento apropriado para repensar o passado, o presente e o futuro da estatal.

Os problemas recentes da empresa começaram a ficar evidentes em 2010. Foi a partir de então que o valor de mercado da Petrobras se descolou do valor das outras empresas de petróleo. Nos cinco anos seguintes, o preço das ações das outras petrolíferas se manteria estável na Bolsa de Nova York, enquanto o preço das ações da Petrobras derreteria 87,5%.

Naquela época, o debate político era sobre uma suposta autossuficiência brasileira em petróleo, que na verdade nunca foi atingida. Por trás da publicidade, já existiam fraturas que podiam ser observadas nos relatórios financeiros da empresa.

Entre 2002 e 2010, estava em vigor a política que limitava a transmissão de variações no preço internacional do petróleo ao mercado doméstico. Nesse período, o preço real do petróleo subiu aproximadamente 150%, enquanto o preço real da gasolina no mercado doméstico só foi reajustado em 75%. Independentemente do julgamento subjetivo que cada um possa ter quanto à necessidade de subsidiar a gasolina no mercado doméstico, o fato concreto é que a política limitou a rentabilidade da empresa.

Outra variável importante foi a política de conteúdo local, que exigia que até 70% dos componentes de plataformas e navios comprados pela Petrobras tivessem de ser fabricados no Brasil. Na prática, isso significava que a empresa pagava cerca de 50% acima do preço de mercado por produtos de qualidade problemática.

A título de exemplo, o primeiro dos navios petroleiros encomendados pela política de conteúdo local, João Cândido, foi entregue com dois anos de atraso e custo 56% acima do previsto. Segundo relatos da imprensa na época, a falta de mão de obra especializada foi um gargalo. Cerca de 75% do trabalho de soldagem realizado no navio teve que ser refeito, o que explica o atraso e o aumento de custos.

Isso tudo ilustra o fato de que as decisões dos gestores políticos da empresa limitaram tanto as receitas quanto a qualidade dos investimentos da Petrobras. A estatal se endividou para realizar esses investimentos, mas o retorno não veio. Em determinados momentos, o valor de mercado da empresa ficou abaixo de seu valor contábil. Isso indicava que os investidores não acreditavam que a empresa valia o que ela dizia que seus ativos valiam.

A estatal deve ser uma gigante do petróleo ou uma empresa de energia verde reinventada? Só a sociedade brasileira poderá dizer

Este é o seu passado recente. Já o presente tem girado principalmente ao redor da nova política de preços de paridade internacional dos derivados de petróleo.

Em agosto de 2016, a Petrobras passou a ajustar os preços da gasolina (e outros produtos) com base em seus preços internacionais. Um dos objetivos era evitar esses prejuízos citados anteriormente.

A partir de então, o preço da gasolina em reais se moveu mais ou menos junto ao preço do petróleo em dólares. Ou seja, a empresa repassou mais as variações diretas (quando o petróleo subiu, a gasolina subiu), do que as indiretas (quando o dólar subiu, a gasolina não subiu) no preço.

No longo prazo, a paridade faz sentido. Alterar preços relativos, subsidiando o preço dos combustíveis fósseis abaixo do seu preço de mercado, prejudica alternativas de menor dano ambiental.

Contudo, no curto prazo, isso leva a custos políticos altos. Por isso, organismos financeiros internacionais têm sugerido aos governos a adoção de um mecanismo de suavização do preço dos combustíveis, fazendo com que o preço atual da gasolina se mova com a média do petróleo nos últimos 12 ou 24 meses, por exemplo.

Além disso, o governo pode usar mecanismos mais específicos para atingir seus objetivos. Se a preocupação é com o impacto na inflação via transportes, faz sentido subsidiar o diesel; se a preocupação é com o acesso da população ao gás de cozinha, o foco pode ser esse. Não é necessário subsidiar todos os combustíveis.

Os desafios são grandes: evitar os problemas de gestão do passado; sobreviver aos dilemas políticos do presente; e construir uma Petrobras do futuro. Qual deveria ser essa empresa do futuro: uma gigante do petróleo ou uma empresa de energia verde reinventada? Só a sociedade brasileira poderá dizer.

Estratégias para não deixar o carrinho vazio ganham espaço

Consumidores recorrem a compras em atacarejo, à caça de promoções e a apps que oferecem descontos em mercados

LETÍCIA LOPES E TAÍS CODECO*
economia@oglobo.com.br

DOMINGOS PEIXOTO

Mutirão. A cada 45 dias, Rodrigo Soares faz compras em atacarejo para abastecer a própria despensa, a da namorada e a da mãe dele: estoque para economizar

Com os preços dos alimentos nas alturas, consumidores estão recorrendo a estratégias para manter as compras no carrinho. Pesquisa assídua de preços, acompanhamento dos dias de promoções de cada produto, compras em atacarejos , aplicativos e programas de fidelidade nos supermercados passaram a fazer parte da rotina de quem convive com uma inflação acumulada em 12 meses acima de 10% há sete meses. Com a renda comprimida, comportamentos como a caça de descontos e a estocagem de alimentos ganham espaço para fechar as contas no fim do mês.

A cada 45 dias, o militar Rodrigo Soares, de 41 anos, faz compras em atacadões. Ele faz uma espécie de mutirão de compras, com produtos para sua própria casa, a da namorada e a da mãe. Para produtos como pães, legumes, verduras e frutas, ele acaba recorrendo ao mercado do bairro, mas procura economizar em produtos de limpeza, bebidas, itens de higiene pessoal e alimentos não perecíveis, comprados em maior quantidade.

— Aquilo que conseguimos estocar, compramos juntos no atacado porque acaba saindo mais em conta. Alguns produtos têm descontos, como levar cinco unidades e pagar por três. Vale a pena — afirma.

Pensados inicialmente para atender pequenos comerciantes ou empreendedores, os mercados de atacado, ou atacarejos, oferecem preços mais vantajosos nas compras em quantidade e recebem cada vez mais clientes comuns:

— A quantidade de clientes "pessoa física" cresceu nos últimos anos e se intensificou no período da pandemia da Covid-19. Esse movimento está atrelado a duas razões principais: o preço oferecido pelo modelo de negócios, que trabalha com valores até 15% menores do que o varejo tradicional, e a transformação do formato do atacarejo, que tem evoluído para oferecer uma experiência de compra cada vez mais abrangente — avalia Moacir Sbardelotto, diretor regional do Assaí Atacadista, rede que inaugurou seis lojas na Região Metropolitana do Rio no ano passado e pretende abrir outras cinco em 2022, como parte da compra do Extra Hiper.

"Não consigo entrar no mercado hoje e gastar menos de R$ 100, mesmo que precise comprar apenas coisas básicas"

Roberto Duarte, empresário

O casal de vendedores Adriana Sampaio, de 40 anos, e Leonardo Cunha, de 32 anos, deixou de comprar no varejo tradicional no início da pandemia. Para alimentar os três filhos, os dois recorrem aos atacadistas, que consideram vantajosos mesmo com as altas no preço dos alimentos.

— Laticínios, carnes e produtos de limpeza são os itens que mais valem a pena na nossa realidade. Deixamos de fazer aquela grande compra de mês, vamos ao mercado toda semana e gastamos uma média de R$ 600. No início, sentimos uma diferença de 20% a 30%, em comparação a outros mercados. Agora, a diferença é de uns 10%, mas ainda vale a pena — diz Leonardo.

ROTINA DE TROCA NO MENU

Junto com a já tradicional pesquisa de preços, comparando anúncios e encartes, outra ferramenta se tornou uma aliada importante na hora das compras: os aplicativos e programas de descontos nos supermercados. No Rio, grandes redes como Prezunic, Mundial e Mercado Extra, oferecem preços mais vantajosos para clientes cadastrados.

Casado e pai de duas filhas, o empresário Roberto Duarte, de 33 anos, sente o impacto no poder de compra principalmente nos itens de alimentação. Além das substituições cada vez mais constantes no cardápio da família, como a troca da carne vermelha pelo frango, a forma de ir ao mercado também mudou.

— Priorizo os supermercados que oferecem descontos nos aplicativos e fico comparando se as ofertas valem a pena em relação às dos outros. Ainda que a diferença seja de centavos, às vezes, no fim faz toda a diferença no orçamento. Não consigo entrar no mercado hoje e gastar menos de R$ 100, mesmo que precise comprar apenas coisas básicas que faltam naquele momento. É muito triste — desabafa. *(*Estagiária, sob supervisão de Danielle Nogueira)*

Petrobras reduz preços do gás de botijão em 5,58%

Queda entra em vigor a partir de hoje. Reajustes da estatal responderam por mais de um terço da inflação de março

BRUNO ROSA E CAROLINA NALIN
economia@oglobo.com.br

Dois dias depois de o governo divulgar o novo nome para comandar a Petrobras, a estatal anunciou redução de 5,58% no preço do gás de botijão (GLP). Os novos valores valem a partir de hoje.

O preço médio de venda de GLP da Petrobras para as distribuidoras passará de R$ 4,48 para R$ 4,23 por quilo. No total, o preço será de R$ 54,94 pelo botijão de 13 quilos para distribuidoras, refletindo redução média de R$ 3,27.

"Acompanhando a evolução dos preços internacionais e da taxa de câmbio, que se estabilizaram em patamar inferior para o GLP, e coerente com a sua Política de Preços, a Petrobras reduzirá seus preços de venda às distribuidoras", diz a estatal em nota.

A companhia afirma ainda que "reitera seu compromisso com a prática de preços competitivos e em equilíbrio com o mercado, ao mesmo tempo em que evita o repasse imediato para os preços internos, das volatilidades externas e da taxa de câmbio causadas por eventos conjunturais".

Apesar da queda, o consumidor vem pagando cada vez mais caro pelo GLP. Segundo dados da ANP, o preço subiu de R$ 102,40, em janeiro, para R$ 113,63 na semana passada. É uma alta de 10,9% no acumulado do ano. A redução não compensa o aumento anunciado em março, quando o quilo subiu 16,1%, passando de R$ 3,86 para R$ 4,48.

Sergio Bandeira de Mello, presidente do Sindigás, que reúne as empresas do setor, disse que redução já era esperada pelo mercado:

— Não foi surpresa, pois o preço internacional vem com quedas sucessivas nas últimas semanas, e ainda tivemos a valorização do real frente ao dólar. É uma pequena queda, mas sempre bem-vinda.

Porém, os reajustes já praticados pela Petrobras na gasolina, gás de cozinha, diesel e gás veicular foram um dos principais motivos para que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em março tivesse subido para 1,62%, a maior taxa para o mês desde 1994.

Somente esses três itens responderam por mais de um terço do índice. O peso chegou a 35% da taxa, considerando apenas o impacto direto nos preços.

— Quando há uma alta no preço da gasolina e do diesel, você tem um efeito sobre toda a economia. Todos os produtos e serviços acabam sendo afetados — diz Pedro Kislanov, gerente da pesquisa do IBGE.